

ETNOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO DE MUIRAQUITÃS NO MUSEU DE ARTE SACRA DE BELÉM

Edith Adriana Oliveira do Nascimento¹

Resumo

A cidade de Belém possui uma expressiva quantidade de coleções arqueológicas em exposição, seja em museus seja em espaços musealizados localizados nos principais pontos turísticos. A arqueologia no Pará faz parte do cotidiano como em nenhum outro estado brasileiro; um exemplo é um grande número de percepções populares acerca da cerâmica marajoara, que há anos faz parte do mercado turístico em forma de reproduções e réplicas (Schaan 2006). Entretanto existem coleções expostas na cidade de Belém que são pouco divulgadas, sendo o objetivo deste plano de trabalho localizar e estudar a motivação da criação de tais acervos, visando compreender qual o público-alvo que usufrui destas informações disponibilizadas à visitação, tendo o Museu de Arte Sacra do Pará como estudo de caso em virtude da coleção arqueológica de muiraquitãs e líticos em exposição permanente no local. A pesquisa encontra-se em fase de análise de dados. A coleta dos mesmos se deu utilizando como métodos a observação direta e indireta e a observação participante no espaço da exposição, com registro fotográfico e etnográfico. Realizamos entrevistas semiestruturadas com administradores e frequentadores, e se disponíveis a coletaremos dados secundários relativos à origem das peças, seleção, organização da exposição e principalmente sobre sua visitação.

Palavras-chave: cultura material; museologia; turismo arqueológico.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA); pós-graduação *lato sensu* em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA); graduanda em Museologia (UFPA). E-mail para contato: edith.nasc@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Apresento aqui o resultado de minhas primeiras observações de campo como discente voluntária do projeto de pesquisa “Por uma Arqueologia no Contemporâneo: refletindo sobre (re)apropriações e (re)significações de bens culturais em comunidades na Amazônia” (Godoy 2007), sob orientação da Professora Renata de Godoy, onde definimos como meu campo de pesquisa o Museu de Arte Sacra (MAS), tendo como objeto específico a coleção arqueológica ali exposta, com o plano de trabalho “O passado arqueológico contado pelos museus: analisando as narrativas apresentadas ao público a partir dos acervos arqueológicos expostos”. Este plano de trabalho parte da justificativa de localizar coleções arqueológicas menos divulgadas e estudar a motivação da exposição de tais acervos, visando identificar que informações são disponibilizadas ao público visitante, e como se dá sua comunicação.

O projeto Feliz Lusitânia promoveu uma grande ressignificação da paisagem da Cidade Velha, com adaptação de parte do patrimônio arquitetônico aí situado para abrigar museus e seus acervos. Nesse museu, instalado na edificação histórica da Igreja de Santo Alexandre, além das peças de arte sacra católica pelas quais é mais conhecido, encontra-se atualmente uma exposição permanente de Muiraquitãs e outras peças líticas arqueológicas, que assim marcam presença nesse lugar de uma representação da matriz cultural indígena da Amazônia. Muiraquitã é um termo utilizado para denominar artefatos líticos confeccionados inicialmente pelos povos indígenas pré-cabralinos, muitos em forma batraquiana e de pingente, mas que repercutem ainda hoje no imaginário amazônico, sobretudo como amuletos.

A pesquisa de campo preliminar incluiu visitação pontos turísticos de vendas de artesanato², onde verificamos que de muitos modos as informações provenientes da arqueologia se fazem presentes, na decoração, na iconografia, na produção artesanal, na construção da identidade de algumas localidades que buscam atrair turistas, embora seja pouco discutida e esclarecida aos visitantes e clientes. É marcante a inspiração e réplica de artefatos, de grafismos e iconografia arqueológica, da cerâmica ou rupestre. Chama a atenção tanto para as possibilidades de uma relação profícua entre Arqueologia e Turismo (Pereira; Figueiredo 2005), quanto para a questão da comodificação do patrimônio arqueológico amazônico (Schaan 2006).

Os Muiraquitãs são presença marcante em meio ao artesanato de inspiração arqueológica. Exemplares estão expostos em alguns museus do Sistema Integrado de Museus de Belém (SIM). Porém é no Museu de Arte Sacra de Belém (MAS) que há uma exposição especificamente dedicada a eles. Trata-se de um ponto turístico significativo, instalado num complexo que engloba uma igreja e colégio jesuíta do período colonial (também antigo palácio episcopal), o tema deste museu é a arte sacra católica, expressa na arquitetura, na vasta coleção de imaginário barroco, e nos objetos litúrgicos, muitos em prataria.

² A exemplo da Feira Internacional de Turismo na Amazônia (FITA 2017), e o Polo Joalheiro São José Liberto.



2. O LUGAR DA COLEÇÃO DE MUIRAQUITÃS NO MUSEU DE ARTE SACRA

Ao chegar como visitante recebi orientação sobre o circuito de visitação, sobre o recital, sobre a exposição temporária da Galeria Fidanza. O circuito é relativamente flexível, tendo mais de uma forma de ser seguido, e de circular pelos corredores, pelo salão, pelo mezanino e pelo jardim interno (muito procurado para fotografias, que não são permitidas no espaço das coleções). É possível subir a escadaria da entrada por um lado, e completando a volta na coleção de imaginário sacro do andar superior, descer pelo outro lado da mesma escadaria. É possível também entrar pelo salão da Igreja, e, após visitá-lo, acessar a exposição de arte sacra no andar superior, e também descer pela escadaria do hall de entrada. É importante notar que em algumas formas de percorrer o circuito o visitante não passa pela sala dos Muiraquitãs.

O circuito completo, por assim dizer, envolve descer do segundo piso para o térreo, através de outra escada que dá acesso direto à exposição temporária da Galeria Fidanza. Nesse sentido, após passar pela exposição temporária, chega-se à exposição permanente onde está exposta a coleção de Muiraquitãs e outras peças arqueológicas líticas relacionadas à coleção no âmbito expositivo. As 74 peças expostas na sala do MAS estão guardadas em duas vitrines laterais, suportadas na parede. Como no restante da edificação, notam-se as paredes pesadas e grossas, e as grandes janelas altas e pesadas.

3. PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Fiz minha primeira visita de observação ao campo numa manhã de domingo, em 19 de setembro de 2017. Nesta data acontecia um ciclo do “Projeto Circular” no Bairro da Cidade Velha, envolvendo programações diversas, e oferecendo gratuidade na entrada dos museus, favorecendo em princípio a visitação, tanto de turistas como da população local. No salão principal da Igreja de Santo Alexandre acontecia um recital, que não impedia a entrada de visitantes. Iniciei como a maioria dos visitantes pela nave da igreja, subindo até a coleção de arte sacra no segundo piso. Não vendo outras indicações, perguntei a um dos guardas onde ficavam os muiraquitãs. Ele me indicou o caminho de uma escada, um pouco deslocada do percurso dos corredores, e me explicou que sem ser na primeira sala, na próxima. Por iniciativa própria ele comentou que aquela sala não era muito procurada, e acrescentou ainda que aqueles eram “muiraquitãs originais”, demonstrando, como funcionário do local, orgulho e afeto pela coleção. Pude perceber três grupos de duas a quatro pessoas circulando pelo museu ao mesmo tempo que eu. Um casal de idosos pareceu reparar em minha breve conversa com o guarda e na indicação da escada, descendo por ela pouco depois de mim.

Ao pé da escada em caracol fica a sala das exposições temporárias da Galeria Fidanza, nesse dia com uma mostra de pintura. Após uma breve volta pelas obras, passei a sala seguinte, que uma placa indica como exposição permanente e onde se encontra a coleção de Muiraquitãs, cujos painéis se encontram em duas grandes vitrines laterais, suportadas na parede. Ao centro, um painel horizontal com líticos arqueológicos diversos, indicados como machados e batedores.



O casal de idosos que veio depois de mim pareceu achar interessante, mas deteve-se pouco. Duas jovens que também visitavam o andar superior enquanto estive lá desceram pouco depois. Pareceram achar bonito, leram o texto expositivo muito rapidamente e saíram. Percebi assim que após fazer o circuito iniciando pela igreja, chega-se a sala dos muiraquitãs com certo cansaço. A maioria dos visitantes fica por volta de dez minutos nesse espaço.

O texto que dá o tom temático da exposição relata brevemente uma lenda na qual os Muiraquitãs seriam amuletos das Icamiabas, mulheres guerreiras indígenas que viviam sozinhas, e presenteavam tais artefatos protetores aos guerreiros que escolhiam para gerar seus filhos. Narrativa que busca a referência da mitologia clássica grega acerca das Amazonas, historicamente fundante do olhar europeu sobre a região. O breve olhar dos visitantes para o texto provavelmente deixa passar esta referência, permitindo, pelo que pude observar rapidamente, uma associação com a ideia de amuleto indígena, e com o costume presente ainda hoje de presentear os Muiraquitãs a alguém querido.

Embora o campo delimitado seja apenas a exposição de Muiraquitãs, estando em fase de conclusão da pesquisa de campo, em lugar de considerações finais, é possível mencionar algo da percepção geral dos visitantes sobre o Museu de Arte Sacra. Até porque em alguns casos essa última oblitera a primeira. Nas entrevistas que fiz posteriormente, os visitantes expressam de forma muito positiva a experiência, chegando a defini-la como de encantamento, o que relacionam claramente com a paisagem, o conjunto formado pela coleção de arte sacra e edificação, o que nos remete a prática da artificação do sagrado e da maneira como as pessoas se relacionam como com isso nos museus (Brulon 2013). Esse encantamento, que pode se estender ou não aos muiraquitãs, é muito positivo do ponto de vista da visitação do museu. Entre os entrevistados, os turistas em geral vinham trazidos por amigos e familiares belenenses, que já conheciam, ou aproveitaram a oportunidade para visitar o local. Expressaram em alguns casos a importância de preservar esse patrimônio. Por outro lado, fica a questão, que não podemos aqui responder, se experiência do local provoca a percepção de alguma forma. A sala dos Muiraquitãs, instalada posteriormente ao conjunto do museu, é pensada como uma espécie de contraponto narrativo. Não é necessariamente a forma como o público se apropria dela.

Referências

- Brulon, B. 2013. *Da artificação do sagrado nos museus: entre o teatro e a sacralidade*. An. mus. paul., São Paulo, v. 21, (2): 155-175.
- Godoy, R. Projeto de Pesquisa - *Por uma Arqueologia no Contemporâneo: refletindo sobre (re)apropriações e (re)significações de bens culturais em comunidades na Amazônia*. Belém: PPGA/UFPA - inédito.
- _____. 2014. Arqueologia e o público em sítios históricos: uma reflexão. *Revista HABITUS*. Goiânia, v. 12, (1) 9-22, jan./jun.
- Pereira, E. S. & S. Figueiredo. 2005. Arqueologia e Turismo Na Amazônia: Problemas e Perspectivas. IN: *Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*, V. II, nº3. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jan/Jul.
- Schaan, D. P. 2006. Arqueologia, público e commodificação da herança cultural: o caso da cultura Marajoara. *Revista de Arqueologia Pública* (1): 19-30.



Internet

Pará. Museu de Arte Sacra abre exposição de muiraquitãs. 2013. disponível em: <http://www.agenciapara.com.br/Noticia/61291/museu-de-arte-sacra-abre-exposicao-de-muiraquitas> Acesso em: 20/02/2017.

